



ANÁLISE DA ELEVAÇÃO DA VOGAL ÁTONA FINAL /O/ EM PRUDENTÓPOLIS E MALLET, PARANÁ

Lucelene Teresinha Franceschini¹

Loremi Loregian-Penkal²

Resumo: Esta pesquisa, fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), tem como objetivo investigar o processo de elevação da vogal média /o/, em posição postônica final, na fala em língua portuguesa de moradores da zona rural, descendentes de imigrantes eslavos das cidades de Prudentópolis e Mallet, Paraná. Foram analisadas 48 entrevistas sociolinguísticas estratificadas por sexo, duas faixas etárias, etnia e três níveis de escolaridade, pertencentes ao banco de dados do projeto Variação Linguística de Fala Eslava, VARLINFE. Os resultados obtidos apontam uma baixa ocorrência de elevação da vogal /o/ nas duas amostras analisadas.

Palavras-chave: Elevação vocálica. Etnia eslava. Projeto VARLINFE.

ANALYSIS OF THE ELEVATION OF THE FINAL ATONIC VOWEL /O/ IN PRUDENTÓPOLIS AND MALLET, PARANÁ

Abstract: This research, based on the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), sought to investigate the process of raising the mid vowel /o/ when in a final postonic position, in the Portuguese spoken in rural areas by descendants of Slavic immigrants in the city of Prudentópolis and Mallet, Paraná. Twenty-four sociolinguistic interviews stratified according to gender, two age ranges, ethnicity and three levels of education, belonging to the database of the project VARLINFE (Variação Linguística de Fala Eslava) were analyzed. The results obtained indicated a low occurrence of elevation of the vowel /o/ in the two analyzed samples.

Keywords: Vowel raising. Slavic ethnicity. Project VARLINFE.

1 Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: lucelenetf@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3764579218081986>.

2 Doutora em Linguística (Universidade Federal do Paraná) com pós-doutorado em Sociolinguística. Professora da graduação e do Mestrado e Doutorado em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: lpenkal@unicentro.br – Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1766652516268724>.

Introdução

Este estudo analisa a elevação da vogal média posterior /o/ na fala de descendentes de eslavos da zona rural de Prudentópolis e Mallet, Paraná. Para tanto, foram consideradas 48 entrevistas sociolinguísticas, 24 de cada uma das localidades, distribuídas por duas faixas etárias (25 a 49 anos e acima de 50 anos), sexo (feminino e masculino), etnia (ucraniana, polonesa, híbrida) e três níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio), pertencentes ao banco de dados do projeto VARLINFE.

No Sul do Brasil, dois estudos de Vieira (2002; 2009) apresentaram análises a respeito da elevação das vogais átonas finais. Em Vieira (2002), a autora analisou as vogais /e/ e /o/ finais e não finais de oito informantes de cada uma das cidades do banco de dados do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil, VARSUL: Curitiba, Irati, Pato Branco, Londrina, Florianópolis, Lages, Blumenau, Chapecó, Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Seus resultados mostraram altos índices de não elevação das vogais átonas finais na fala dos habitantes de algumas das cidades analisadas, com destaque para Curitiba, Chapecó, Flores da Cunha e Irati.

Em Vieira (2009), a autora analisou o comportamento das vogais médias /e/ e /o/ na fala de 48 informantes, 16 informantes de cada uma das capitais da região Sul. Em relação às postônicas finais com /o/, a pesquisadora verificou que os percentuais de aplicação da regra de elevação de /o/ postônico final são bastante altos nas três capitais, podendo ser considerados praticamente categóricos para Porto Alegre (97%) e Florianópolis (95%). Curitiba também apresentou um importante percentual de elevação (81%). Porto Alegre foi a capital que mais aplicou a regra de elevação, apresentando um peso relativo de 0,74. A seguir, os dados mostraram Florianópolis com um peso relativo de 0,55, indicando que, nessa amostra, Florianópolis teve

um papel praticamente neutro em relação aos índices gerais de elevação de /o/. Já em Curitiba, a regra de aplicação foi bem menor, conforme apontou o peso relativo de 0,22.

Limeira (2013), também nos dados do VARSUL, estudou o comportamento das vogais médias /e/ e /o/, em pauta pretônica, postônica e nos clíticos, na fala de 12 informantes de Curitiba. A autora verificou que as postônicas apresentam os maiores percentuais gerais de não elevação das vogais médias, com 62% para /o/ e 70% para /e/.

No Rio Grande do Sul, Machry da Silva (2009) analisou a elevação das vogais médias postônicas em dados de fala de 14 informantes de Rincão Vermelho, uma localidade rural, situada na fronteira com a Argentina. Seus resultados mostraram que o alçamento das vogais /e/ e /o/ em posição final ocorre variavelmente, com maior probabilidade de aplicação para a vogal média /o/. Os falantes da comunidade em estudo elevaram essa vogal quase na mesma medida em que a preservaram, apresentando uma leve tendência para o alçamento (55%).

Outro estudo realizado no Rio Grande do Sul foi o de Mileski (2013), cuja pesquisadora analisou a elevação das vogais médias átonas finais no português falado por 24 informantes, descendentes de imigrantes poloneses residentes na comunidade rural de Vista Alegre do Prata. Seus resultados apontaram um percentual de elevação significativamente mais baixo que o encontrado em outras localidades, com 5,6% de elevação da vogal átona final /o/ e 2,5% de elevação da vogal final /e/.

Os trabalhos citados acima, dentre outros, apresentam resultados bastante significativos em relação à produção variável da vogal átona final /o/ no Sul do Brasil. Na medida do possível, procuramos comparar nossos resultados aos obtidos nesses estudos. No entanto, destaca-se que cada um desses trabalhos organizou distintamente as variáveis independentes e, nestas, os fatores, especialmente as variáveis contexto precedente e contexto seguinte, fato que, em alguns

casos, dificultou generalizações.

A comunidade de Prudentópolis, Paraná

Prudentópolis é o município brasileiro que reúne a maior concentração de ucranianos, situa-se na região centro-sul do Paraná e formou-se em 1906, com o nome de Prudentópolis em homenagem ao presidente Prudente de Morais. O IDH é de 0,733, sendo que ocupa a 231ª posição entre os 399 municípios paranaenses.

Em relação à história da cidade, segundo Haineko (1985), pequenos grupos de famílias ucranianas começaram a vir ao Brasil no ano de 1876, bem como entre os anos de 1884 a 1891. Porém, a data que é considerada basilar para historicizar a vinda dos imigrantes ao Brasil é o ano de 1895, quando aproximadamente 5500 ucranianos desembarcam em Paranaguá, Paraná³. Em sua maioria, vieram da Galícia (Ucrânia Ocidental) território que pertencia à Áustria, por intermédio de agentes de imigração na Europa, com promessas de terra e melhores condições de vida, já que estavam sofrendo imposições do Czarismo da Rússia e da Ucrânia Oriental. Tais regiões sempre estavam em intensos conflitos políticos.

Após sua chegada a Paranaguá, foram encaminhados a Curitiba para que, na capital do Estado, fossem destinados às suas terras, dirigindo-se, inicialmente, para o norte de Santa Catarina (hoje municípios de Itaiópolis, Papanduva e Santa Terezinha). No Paraná, instalaram-se em Prudentópolis, Mallet, Paulo Frontin, Paula Freitas e Rio Azul, sendo que a maior colônia de imigrantes ucranianos situava-se na região de Prudentópolis.

Apesar de todas as dificuldades de adaptação, a preocupação principal era a vida religiosa e a educação. Assim, com o apoio da igreja, constroem escolas e estas são administradas por ela. Hauresko (1999), ao fazer um levantamen-

to histórico da imigração ucraniana no Paraná, afirma que até o ano de 1914 existiam 22 escolas para imigrantes ucranianos, com uma média de 630 alunos no total, sendo que estas eram mantidas financeiramente por Conselhos Escolares. Nessas escolas, a educação priorizava o ensino em/da língua ucraniana, a sua cultura, bem como o seu rito religioso, os quais eram considerados vitais para a preservação dos seus costumes.

Constata-se, assim, que a religião exerceu, e ainda exerce, um papel fundamental na preservação dessa minoria linguística no Paraná, já que grande parte dos ritos religiosos do catolicismo ortodoxo é, até hoje, praticado em língua ucraniana.

Pesquisa realizada por Ogliari (2001) constata que o idioma ucraniano e a situação bilíngue português/ucraniano existente naquela comunidade têm sua preservação marcada por dois fatos: as células familiares e os ritos religiosos católicos.

A comunidade de Mallet, Paraná

A cidade de Mallet⁴ originou-se da vila de Rio Claro⁵, que hoje constitui um dos seus distritos, juntamente com Dorizon. Esta particularidade faz com que, por exemplo, a igreja ucraniana de São Miguel Arcanjo, localizada na Colônia da Serra do Tigre e construída em 1903, seja mais antiga que o município.

A história da cidade e a chegada dos imigrantes eslavos estão imbricadas nos relatos das pessoas entrevistadas pelo projeto VARLINFÉ. O povoado de Rio Claro, denominação motivada pelo rio límpido que corria no local, foi estabelecido em 1884 por famílias que ocupavam o Vale do Iguaçu e que legalmente foi criado como Colônia em 1891. Um ano antes, em 1890, e apenas seis anos após o estabelecimento do povoado, chegaram os primeiros imigrantes eslavos que vieram da Polônia. Um ano depois

4 Informações adaptadas de LOREGIAN-PENKAL et al. (2013).

5 Informações históricas de Mallet disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <https://www.mallet.pr.gov.br/> Acesso em 02.06.2022

3 BURKO, V. A imigração Ucraniana no Brasil. 2ª Ed. Curitiba. 1963.

vieram três mil ucranianos e, por volta de 1895, mais uma leva de imigrantes ucranianos chegou na região.

Ainda se encontra em Mallet igrejas, escolas, clubes recreativos e casas com arquitetura europeia típica que foram construídas pelos imigrantes, preservando sua cultura. A partir do regime do Estado Novo, decretado pelo presidente Getúlio Vargas em 1937, foi proibido o uso de línguas estrangeiras no território brasileiro. Com isso, foram fechados os clubes literários e as escolas de língua estrangeira e a continuidade do ensino da língua de imigração ficou a cargo das famílias. Em 1946, novamente os padres e religiosos puderam orientar os colonos com a língua ucraniana. A cultura sobreviveu e as duas línguas, tanto o polonês quanto o ucraniano, fazem-se presentes na comunidade, nas missas, nas cerimônias típicas, no artesanato e em registros escritos.

O nome Mallet surgiu devido à construção da estação ferroviária do povoado que recebeu o nome de “Estação Ferroviária Marechal Mallet” em homenagem ao engenheiro militar João Nepomuceno de Medeiros Mallet.

Em 1912, o povoado de “São Pedro de Mallet” foi elevado a município e em 1929 entrou oficialmente em vigor o nome Mallet. Segundo dados IBGE6, a população total do município é de 12.973 habitantes, sendo considerada 58,35% urbana, com 7.570 habitantes e 41,65% rural, totalizando 5.403 habitantes. A cidade localiza-se no sudoeste paranaense, a 230 km da capital, Curitiba, e sua área total é de 723,024 Km².

Metodologia

Este estudo está apoiado nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, delineada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e em Labov (2008 [1972]). Foram levantados, por meio da análise de oitava,

6 Informações disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 02.06.2022.

os dados de elevação e de não elevação da vogal média-alta posterior /o/ em posição átona final de 48 entrevistas sociolinguísticas (com no mínimo 40 minutos de fala cada) realizadas com descendentes de eslavos, ucranianos e poloneses, moradores das zonas rurais de Prudentópolis e Mallet, cidades localizadas na região Centro-Sul do Paraná.

Os 48 informantes da amostra foram estratificados em duas faixas etárias (12 de 25 a 49 anos; 12 de 50 anos ou mais), sexo (12 do sexo feminino e 12 do masculino), etnia (polonesa; ucraniana e híbrida) e três níveis de escolaridade (8 informantes com fundamental I; 8 com fundamental II; 8 com ensino médio).

As entrevistas fazem parte do banco de dados VARLINFE, que contém amostras de fala de sete cidades do centro sul do Paraná: Prudentópolis, Mallet, Irati, Rio Azul, Rebouças, Ivaí e Cruz Machado.

O programa GoldVarbX foi utilizado para a análise estatística dos dados, que vem acompanhada por uma análise qualitativa dos resultados obtidos.

Banco de Dados VARLINFE

O Banco de Dados VARLINFE⁷ foi pensado e constituído por pesquisadores da área de Sociolinguística da Unicentro, campus de Irati, e está vinculado ao NEES (Núcleo de Estudos Eslavos) da UNICENTRO (campus de Irati). O banco-base é composto por 243 entrevistas de sete cidades da mesorregião Sudeste do Paraná: Irati, Mallet, Prudentópolis, Rebouças, Rio Azul, Ivaí e Cruz Machado, cujos entrevistados são todos descendentes de ucranianos e/ou poloneses. O banco apresenta também amostras complementares, com outras faixas etárias.

Para a montagem do VARLINFE foi adotada a mesma metodologia do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul, VARSUL, mas com um diferencial importante: optou-se

7 Maiores detalhes podem ser obtidos em LOREGIAN-PENKAL et al (2013).

por registrar a fala de descendentes eslavos da zona rural das localidades selecionadas. O perfil dos informantes contemplou os seguintes critérios, consagrados em pesquisas sociolinguísticas: 1. Falantes descendentes de eslavos (ou seja, o informante deveria ser descendente de ucraniano ou polonês, de pai ou de mãe ou de ambos e ter nascido na comunidade e/ou ter se mudado para lá, no máximo, aos 2 anos de idade). 2. Não ter viajado para outras localidades (por exemplo, o informante não poderia ter sido caminhoneiro ou vendedor). 3. Morar na zona rural de um dos sete municípios incluídos na amostra.

As características sociais dos informantes do VARLINFÉ são estas: sexo (12 informantes do sexo masculino e 12 do feminino); idade (12 informantes de 25-49 e 12 acima de 50 anos), escolaridade (8 informantes com ensino fundamental I; 8 com fundamental II; e 8 informantes com ensino médio) e etnia (polonesa, ucraniana e híbrida⁸).

Além desses critérios, foram levados em consideração, também, para a montagem do Banco: (i) a elaboração e preenchimento de ficha social, que detalha o perfil social do entrevistado; (ii) elaboração do roteiro de perguntas, que prioriza a coleta de narrativas de experiência pessoal; (iii) obtenção de anuência do entrevistado via assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Variáveis analisadas

Nesta pesquisa, foram levantadas todas as ocorrências da vogal média posterior /o/ em contexto silábico postônico final de 48 entrevistas sociolinguísticas, sendo 24 entrevistas de Prudentópolis e 24 de Mallet, Paraná. Os entrevistados eram moradores da zona rural dos municípios e todos eram descendentes de ucr-

8 Entrevistados com ascendência ucraniana e polonesa. Por exemplo, a mãe do entrevistado é descendente de ucranianos e o pai de poloneses, ou vice-versa. Nos casos em que o entrevistado era casado, levamos em consideração também a etnia do cônjuge.

nianos/poloneses com forte vivência na cultura dessas etnias.

Como variável dependente, postulamos a elevação de /o/ átono final versus a não elevação de /o/ final. Nas rodadas, definimos como valor de aplicação da regra a elevação. As variáveis sociais analisadas foram quatro: faixa etária (25 a 49 anos; acima de 50 anos); escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio); sexo (masculino; feminino) e etnia (ucraniana, polonesa e híbrida). As variáveis linguísticas independentes consideradas na análise e seus respectivos exemplos de ocorrência seguem especificados a seguir.

1. Tipo de consoante/vogal em contexto precedente

Esta variável foi considerada para verificar se o tipo de som (consoante ou vogal) que antecede a vogal /o/ interfere em sua produção, elevada para /u/ ou não. Os fatores controlados foram os que seguem:

1.1 Oclusiva [p, b, t, d, k, g]: Era tempo de mato, virgem...”⁹ (PRU22M2PRIU)¹⁰

1.2 Fricativa [f, v, s, z, ʃ, ʒ, x]: “Por isso até acho que eu me espelhei muito nela” (MA19F2ColP)

1.3 Nasal [m, n, ŋ]: “Já comemoramo cento e vinte anus né” (PRU 20M2GINU)

1.4 Lateral [l, ʎ]: “Eu gostaria que meu filho estudasse, mas não qué” (MA16M2ColU)

1.5 Rótico [r]: “E tá no primero ano agora.” (PRU15M1COLU)

1.6 Vogal [i]: “Antigamente diziam o ginásio, não sei se era o apelido”(MA23M1GinP)

9 Nos exemplos dos dados de fala, optamos por transcrição ortográfica simples.

10 Notação que identifica os informantes e as variáveis sociais: PRU: Prudentópolis, MA: Mallet, número que identifica o informante, M ou F – sexo, 1 ou 2 – 1 faixa etária até 49 anos e 2 faixa etária mais de 50 anos, PRI (Primário, 1 a 4 anos de escola), GIN (Ginásio, 5 a 8 anos de escola), COL (Colegial, 9 a 11 anos de escola) – grau de escolaridade, P (Polonesa), U (Ucraniana), H (Híbrida: ucraniano e polonês.) – etnia.

2. Ponto de articulação do som consonantal em contexto precedente

Com o controle desta variável, pretendeu-se analisar a influência que o ponto de articulação da consoante, em contexto precedente, exerce na realização da vogal média postônica /o/. Para tanto, controlamos as seguintes variáveis:

2.1 Bilabial [p, b, m]: “Mora lá onde nós se criamos” (MA19F2ColP).

2.2 Labiodental [f, v]: “Tinha um só fotógrafo que fazia as foto.” (PRU 20M2GINU)

2.3 Alveolar [t, d, n, s, z, r, l]: “Antes tempo tudo era mais gostoso parece”. (PRU 7F2GINU)

2.4 Pós-alveolar [ʃ, ʒ, ʒ, ʒ]: “Eu acho que até mil e novecentos e quarenta” (MA16M2ColU).

2.5 Palatal [ɲ, ʎ]: “Meu padrinho era bem de vida” (MA17F1GinH).

2.6 Velar [k, g, x]: “O fogo se fazia com graveto”. (PRU 2F1GINU)

3. Tipo de som em contexto posterior

O tipo de som em contexto posterior foi controlado para verificar se o contexto seguinte à variante em análise causa interferência na preservação de /o/ ou em sua elevação para /u/. Foram considerados os fatores:

Se consoante:

3.1 Oclusiva [p, b, t, d, k, g]: “Todo mundo dava doação pra igreja”. (PRU 10F2COLU)

3.2 Fricativa [f, v, s, z, ʃ, ʒ, x]: “eles davam muito valor a terra” (MA26F2PriP).

3.3 Nasal [m, n, ɲ]: “Foi meio complicado no começo.” (PRU 15M1COLU)

3.4 Lateral [l, ʎ]: “Nós vendemo lá em Blumenau agora.” (PRU 17M1PRIU)

3.5 Rótico [r]: “Segue o mesmo rumo assim...” (PRU 14M1GINU)

3.6 Africada [tʃ, dʒ]: “Aí quando tchinha vontade de comê um doce” (MA20F1PriP)

Se vogal:

3.7 Anterior alta [i]: “No mundo intero tinha essas coisa”. (PRU 12F2PRIU)

3.8 Anterior média [e, ε]: “eles construíram a igreja na colônia cinco em mil oitocentos e-noventa e seis.” (MA16M2ColU).

3.9 Posterior alta [u]: “Guardava assim num pano úmido” (PRU 1F1GINU)

3.10 Posterior média [o, ɔ]: “Quando o centeio já tava grande pra florescê” (MA18M2PrimP).

3.11 Baixa [a]: “Faz uns oito ano atrás eu fiz parte da comissão” (PRU 15M1COLU)

3.12 Pausa: “Eu estudava pra Riu Claro. Daí...” (MA28F1GinP).

4. Ponto de articulação do som consonantal seguinte

Esta variável foi considerada para verificar se o ponto de articulação da consoante seguinte à vogal /o/ interfere em sua produção, elevada para /u/ ou não. Para testar esta variável, controlamos os seguintes fatores:

4.1 Bilabial [p, b, m]: “Quase todo mundo entende o ucraniano” (PRU 15M1COLU)

4.2 Labiodental [f, v]: “Então quando você ganhava você não sabia o que fazia com aquilo.” (MA19F2ColP).

4.3 Alveolar [t, d, n, s, z, r, l]: “Era tudo na mão, se fazia tudo em casa”. (PRU 8F2GINU)

4.4 Pós-alveolar [ʃ, ʒ, ʒ, ʒ]: “Era todo mundo junto na mesma,” (MA23M1GinP)

4.5 Velar [k, g, x]: “O povo caiu nas história contada pelo governo” (PRU 9F2COLU)

5. Sonoridade do segmento precedente

Esta variável foi considerada para verificar se a sonoridade (vozeada ou desvozeada) da consoante que precede a vogal /o/ influencia na sua produção, elevada para /u/ ou não. Foram considerados os fatores abaixo especificados:

5.1 Vozeado: “Agora tamo aprendendo artesanato cas irmã” (MA26F2PrimP).

5.2 Desvozeado: “Era muito triste a situação de-

les lá” (PRU 10F2COLU)

6. Tipo de sílaba

Com o controle desta variável buscou-se verificar se o tipo de sílaba (pesada/CVC ou leve/CV) influencia no comportamento da vogal média /o/ em posição postônica, favorecendo ou inibindo o alçamento. Para tanto, foram considerados os seguintes fatores:

6.1 Com coda: “Quem que não tem **sonhus**, né” (PRU 15M1COLU)

6.2 Sem coda: “Mas brinquedo a gente não conhecia” (MA26F2PrimP).

7. Presença/ausência de vogal alta na palavra

Esta variável foi considerada para verificar se a presença de uma vogal alta – /i/ e /u/ – na palavra influencia na preservação de /o/ átono final ou-se a presença de uma vogal alta interfere na elevação da vogal em estudo. Eis os fatores considerados:-

7.1 Presença de vogal alta: “**isso** vem da firma já, **tudu** vem de lá.” (MA25M1PrimP).

7.2 Ausência de vogal alta: “No **mato** sempre se achava um **poco** de tudo né?”. (PRU 11F2PRIU)

As variáveis linguísticas acima especificadas foram adicionadas às variáveis sociais: *sexo*, *escolaridade*, *faixa etária* e *etnia*. Os dados obtidos foram devidamente codificados para que pudéssemos utilizar o programa GoldVarbX, cujos resultados encontram-se na seção a seguir.

Resultados da análise da vogal átona final /o/ em Prudentópolis e Mallet

Nesta seção, vamos tecer um breve panorama dos resultados encontrados na análise da elevação do /o/ em Prudentópolis e em Mallet, duas localidades de colonização majoritariamente eslava, com falantes bilíngues português/polonês, português/ucraniano. Trazemos inicialmente os resultados gerais obtidos nas duas localidades analisadas e, em seguida, trazemos um comparativo das variáveis selecionadas como es-

taticamente relevantes nas duas amostras.

Na amostra de Prudentópolis, obtivemos 4369 ocorrências de vogais átonas finais /o/ e /u/, destas, 456 ocorrências (10,4%) foram de elevação e 3913 foram de não elevação (89,6%). Verificamos, portanto, que em somente 10,4% das ocorrências os falantes realizaram a elevação da vogal átona final /o/ para /u/.

Em Mallet, a percentagem foi ainda mais reduzida de elevação da vogal átona final /o/. Em um total de 7436 ocorrências, 95,8% (7121 ocorrências) foram de não elevação, e em somente 4,2% das ocorrências (315 dados) os falantes elevaram essa vogal átona final, o que confirma a baixa aplicação da regra de elevação na amostra analisada.

Esses baixos percentuais de elevação em Prudentópolis (10,4%) e Mallet (4,2%), aproximam-se dos resultados de Mileski (2013), em Vista Alegre do Prata – RS, uma comunidade de descendentes de imigrantes poloneses, e que apresentou somente 5,6% de elevação da vogal /o/. Já nas capitais da região Sul (VIEIRA, 2009) e em Rincão Vermelho – RS (MACRHY DA SILVA, 2009), os percentuais de aplicação da regra de elevação de /o/ foram muito mais elevados (Curitiba: 81%, Florianópolis: 95%, Porto Alegre: 97% e Rincão Vermelho: 55%).

No quadro a seguir apresentamos, por ordem de significância, as variáveis linguísticas e sociais selecionadas pelo programa GoldVarbX nas rodadas de Prudentópolis e Mallet.

Quadro 1: Variáveis selecionadas em Prudentópolis e Mallet

| PRUDENTÓPOLIS | MALLET |
|---|---|
| 1. Sonoridade do segmento precedente; | 1. Tipo de sílaba; |
| 2. Presença/ausência de vogal alta; | 2. Tipo de consoante precedente; |
| 3. Tipo de sílaba; | 3. Presença/ausência de vogal alta; |
| 4. Ponto de articulação da consoante seguinte; | 4. Ponto de articulação da consoante seguinte; |
| 5. Faixa etária; | 5. Etnia; |
| 6. Tipo de consoante precedente; | 6. Sexo; |
| 7. Ponto de articulação da consoante precedente; | 7. Ponto de articulação da consoante precedente; |
| 8. Contexto fonológico seguinte. | 8. Faixa etária. |

Fonte: Elaborado pelas autoras

O programa GoldvarbX selecionou oito variáveis em Prudentópolis e oito em Mallet. Dessas variáveis, seis foram selecionadas nas duas localidades: Presença/ausência de vogal alta; Tipo de sílaba; Ponto de articulação da consoante seguinte; Tipo de consoante precedente; Ponto de articulação da consoante precedente e Faixa etária.

O quadro 1 mostra que as variáveis linguísticas sonoridade do segmento precedente e contexto seguinte foram selecionadas somente na rodada de Prudentópolis; já as variáveis sociais etnia e sexo foram selecionadas somente em Mallet. Em relação à etnia, verificamos que a quase totalidade dos informantes da amostra de Prudentópolis é de origem ucraniana (23 dos 24 analisados), o que explica a não seleção dessa variável.

Em Prudentópolis, a variável selecionada em primeira posição, portanto como a mais relevante para a elevação da vogal estudada, foi a sonoridade do segmento precedente. Os resultados dessa variável são apresentados na tabela 1:

Tabela 1: Sonoridade do segmento precedente em Prudentópolis

| Fatores | Aplicação/Total | Frequência | P.R. |
|--------------|-----------------|-------------|-------------|
| vozeado | 426/3214 | 13 | 0,62 |
| desvozeado | 30/1155 | 2 | 0,21 |
| Total | 456/4369 | 10,4 | |

Fonte: Elaborado pelas autoras

A variável sonoridade, que foi considerada para verificar se segmentos vozeados ou desvozeados que precedem a vogal /o/ influenciam na sua produção, elevada para /u/ ou não, foi considerada, portanto, a variável mais significativa na análise dos dados de Prudentópolis. Nos dados de Mallet, essa variável não foi selecionada.

Verificamos que a elevação predomina (0,62) com os segmentos vozeados (divertido, cabu); já os desvozeados (charuto, campo), com peso relativo de 0,21 para a elevação, favoreceram a preservação da vogal final /o/.

Para facilitar a visualização comparativa dos resultados obtidos em Prudentópolis e em Mallet, na Tabela 2 as variáveis selecionadas, os percentuais e pesos relativos obtidos em cada uma delas.

Tabela 2: Variáveis selecionadas em Prudentópolis e Mallet

| FATORES | PRUDENTÓPOLIS | | | MALLET | | | | | |
|---|---------------|----|-------------|--------------|------------|-------------|----------|-----|------|
| | Apl./T | % | P.R. | Apl./T | % | P.R. | | | |
| Presença/ausência de vogal alta | | | | | | | | | |
| -Presença | 334/2340 | 14 | 0,64 | 193/3586 | 5,4 | 0,60 | 122/3850 | 3,2 | 0,40 |
| -Ausência | 122/2029 | 6 | 0,34 | | | | | | |
| Tipo de sílaba | | | | | | | | | |
| - Com coda | 71/275 | 25 | 0,82 | 146/753 | 19,4 | 0,93 | 169/6683 | 2,5 | 0,43 |
| - Sem coda | 385/4094 | 9 | 0,47 | | | | | | |
| Ponto de articulação da consoante seguinte | | | | | | | | | |
| Pós-alveolar | 22/85 | 25 | 0,84 | 4/107 | 3,7 | 0,60 | | | |
| Velar | 66/321 | 20 | 0,72 | 48/683 | 7,0 | 0,71 | | | |
| Labiodental | 11/113 | 9 | 0,65 | 9/223 | 4,0 | 0,50 | | | |
| Alveolar | 159/1555 | 10 | 0,46 | 66/2107 | 3,1 | 0,44 | | | |
| Bilabial | 26/383 | 6 | 0,35 | 16/676 | 2,4 | 0,44 | | | |
| Tipo de consoante/vogal precedente | | | | | | | | | |
| Nasal | 127/850 | 14 | 0,57 | 90/1457 | 6,2 | 0,67 | | | |
| Oclusiva | 227/2250 | 10 | 0,57 | 128/3634 | 3,5 | 0,54 | | | |
| Rótico | 60/491 | 12 | 0,55 | 19/736 | 2,6 | 0,17 | | | |
| Vogal –i | 14/167 | 8 | 0,38 | 54/376 | 14,4 | 0,84 | | | |
| Fricativa | 21/376 | 5 | 0,21 | 16/859 | 1,9 | 0,27 | | | |
| Lateral | 7/235 | 2 | 0,16 | 8/374 | 2,1 | 0,36 | | | |
| Ponto de articulação da consoante precedente | | | | | | | | | |
| Pós-alveolar | | | | | | | | | |
| Labiodental | 5/46 | 10 | 0,91 | 2/241 | 0,8 | 0,53 | | | |
| Palatal | 12/128 | 9 | 0,75 | 9/164 | 5,5 | 0,80 | 16/549 | 2,9 | |
| Alveolar | 28/229 | 12 | 0,60 | 0,42 | | | | | |
| Bilabial | 356/3081 | 11 | 0,52 | 212/4774 | 4,4 | 0,55 | | | |
| Velar | 45/365 | 12 | 0,47 | 16/700 | 2,3 | 0,41 | | | |
| | 8/369 | 2 | 0,19 | 7/633 | 1,1 | 0,22 | | | |

| Faixa etária | | | | | | |
|-------------------|----------|----|-------------|----------|-----|-------------|
| - 25 a 49 anos | 334/2548 | 13 | 0,58 | 126/3866 | 3,3 | 0,45 |
| - 50 anos ou mais | 122/1821 | 6 | 0,39 | 189/3570 | 5,3 | 0,56 |

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os resultados para a variável presença/ausência de vogal alta na palavra (selecionada em 2ª posição em Prudentópolis e 3ª em Mallet) mostram que a presença de vogal alta (amigu, adubu), com pesos relativos de 0,64 em Prudentópolis e 0,60 em Mallet, favorece a elevação da vogal final /o/ para /u/; já a ausência de vogal alta (tempo, casamento) desfavorece a elevação em ambas as localidades. Segundo Vieira (2002), esse comportamento está associado a um processo de assimilação progressiva, pelo qual a vogal média postônica assimila o traço de altura da vogal da sílaba precedente.

As análises de Vieira (2009) e Machry da Silva (2009) apontaram a vogal alta precedente como um dos fatores mais favorecedores para a elevação de /o/ átono final (0,82 e 0,90, respectivamente). Por outro lado, a ausência de vogal alta inibiu a elevação de /o/, com pesos de 0,28 e 0,30.

Os resultados de Mileski (2013), apesar de menos polarizados, também mostraram que a presença de vogal alta favorece a elevação de /o/ átono final (0,57), e sua ausência desfavorece essa elevação (0,42).

Assim, constatamos que nossos resultados confirmam a hipótese de que a presença de vogal alta na palavra condiciona a elevação da vogal átona final /o/ para /u/, conforme já demonstraram Vieira (2009), Machry da Silva (2009) e Mileski (2013).

A variável tipo de sílaba (com coda/sem coda) foi selecionada em terceira posição em Prudentópolis e em primeira posição em Mallet, ou seja, como a variável mais significativa.

Os resultados mostram que as sílabas com coda (juntus, novecentus) são altamente favorecedoras da elevação em Prudentópolis e Mallet (0,82 e 0,93, respectivamente); já as sílabas sem

Considerando a distinta organização dos fatores nas pesquisas citadas, ressaltamos a dificuldade de comparações entre os resultados de nossa amostra e aqueles apresentados nessas análises precedentes.

Em relação à variável social faixa etária, também selecionada nas duas localidades, os resultados de Prudentópolis mostraram que os falantes mais jovens favorecem a elevação da vogal átona final /o/, com 0,58; já os falantes mais velhos apresentaram um peso relativo de 0,39 para a elevação, ou seja, desfavorecem a elevação de /o/ para /u/.

Em Mallet, os resultados da faixa etária, embora próximos ao ponto neutro, mostraram que os falantes mais velhos, ao contrário de Prudentópolis, favorecem a elevação da vogal átona final /o/ (0,56); já os falantes mais jovens apresentaram um peso relativo de 0,45 para a elevação, ou seja, desfavorecem a elevação.

Estes resultados demonstram a necessidade de análises mais refinadas nas duas amostras, inclusive com recortes diferentes na análise da faixa etária.

Os resultados da variável faixa etária em outras pesquisas também apresentam resultados bem diferenciados, dependendo da localidade estudada. Em Curitiba, Limeira (2013) verificou que os informantes mais jovens tendem a elevar essa vogal, apresentando um peso relativo de 0,64 para a elevação; já os mais velhos são os que mais preservam a vogal átona final /o/, com um peso de 0,32 para a elevação.

Em Rincão Vermelho – RS, Machry (2009) analisou três faixas etárias e seus resultados mostraram, em todas as faixas etárias, pesos relativos muito próximos ao ponto neutro. Esses resultados indicam, segundo a autora, que na comunidade em estudo a regra de alçamento da vogal média /o/ final caracteriza uma situação de variação estável.

Mileski (2013) também analisou três faixas etárias em Vista Alegre do Prata – RS. A autora verificou que os informantes mais velhos

coda (casamento, fumo) desfavorecem a elevação. Destacamos que a grande maioria dos dados de elevação apresentaram a coda /s/, o que nos faz pensar que tanto pode ser a coda como a consoante /s/ o fator mais favorável à elevação.

Portanto, em relação às sílabas com coda, o resultado de nossos dados corroboram os obtidos em Vieira (2009), Machry da Silva (2009) e Mileski (2013), pois em todos esses trabalhos, com 0,82, 0,90 e 0,84, respectivamente, as sílabas com coda /s/ favoreceram a elevação de /o/ para /u/.

A análise do ponto de articulação da consoante seguinte mostrou que essa variável, selecionada em quarta posição em Prudentópolis e Mallet, também pode interferir na aplicação da elevação ou da não elevação da vogal postônica /o/. Conforme podemos observar na tabela 2, os resultados apontaram como fatores favoráveis à elevação, em Prudentópolis e Mallet, as consoantes pós-alveolares (0,84 e 0,60, respectivamente) e velares (0,72 e 0,71, respectivamente). As labiodentais favoreceram a elevação em Prudentópolis (0,65) e em Mallet apresentaram um resultado no ponto neutro (0,50); já as consoantes alveolares (0,46 em Prudentópolis e 0,44 em Mallet) e as bilabiais (0,35 em Prudentópolis e 0,44 em Mallet) desfavoreceram a elevação em ambas as localidades, com pesos relativos abaixo de 0,50.

Em relação ao tipo de consoante/vogal seguinte, variável selecionada somente em Prudentópolis, verificamos que as consoantes laterais (0,62), as vogais médias anteriores (0,58), a pausa (0,58) e a vogal baixa (0,57) se apresentaram como fatores favorecedores da elevação. As oclusivas apresentaram um resultado praticamente no ponto neutro (0,51), e os demais contextos (fricativas, nasais, posterior média e anterior alta) desfavoreceram a elevação de /o/ para /u/. O rótico (15 dados) e a vogal posterior alta (42 dados) apresentaram 100% das ocorrências sem elevação. Em relação às vogais, os resultados não confirmaram o esperado, pois as vogais altas em contexto seguinte, que credi-

távamos favorecer a elevação, a desfavoreceram.

A variável tipo de consoante/vogal precedente apresentou como favorável à elevação em Prudentópolis e Mallet as nasais (0,57 e 0,67, respectivamente) e as oclusivas (0,57 e 0,54, respectivamente). O rótico também favoreceu a elevação em Prudentópolis (0,55). Em Mallet, a vogal –i foi o fator que mais favoreceu a elevação (0,84) e em Prudentópolis, ao contrário do esperado, a vogal i desfavoreceu a elevação de /o/ para /u/ (0,38). As fricativas e as laterais, em ambas as localidades, desfavoreceram a elevação.

Os resultados da variável ponto de articulação da consoante em contexto fonológico precedente mostram que em Prudentópolis a elevação é favorecida principalmente pelas consoantes pós-alveolares (0,91), seguidas das labiodentais (0,75) e palatais (0,60). As consoantes alveolares e bilabiais apresentaram resultados próximos ao ponto neutro (0,52 e 0,47, respectivamente) e as velares desfavoreceram a elevação (0,19). Em Mallet, as labiodentais (0,80), as alveolares (0,55) e as pós-alveolares (0,53) favoreceram a elevação; por outro lado, as consoantes palatais (0,42), as bilabiais (0,41) e as velares (0,22) a desfavoreceram. Vemos aí, portanto, nas duas amostras analisadas, que se o ponto de articulação da consoante que antecede a vogal /o/ for labiodental, este é o contexto que mais favorece a elevação.

A variável tipo de consoante, aliada ao ponto de articulação dos sons e rotulada como contexto precedente em outros trabalhos, foi selecionada em várias pesquisas (VIEIRA, 2009; MACHRY DA SILVA, 2009; MILESKI, 2013). No entanto, as diferenças na constituição dos fatores das variáveis dificultam comparações entre os resultados ou generalizações. Em nossa análise, separamos o contexto precedente pelo modo de articulação dos sons (oclusiva, fricativa, rótico, lateral etc) e ponto de articulação (alveolar, bilabial, palatal etc.), já os demais estudos analisaram as consoantes como coronais [+ant] e [-ant], dorsais e labiais, amalgamando ou isolando os diversos fatores.

favorecem a elevação (0,66), já os informantes da faixa etária intermediária (36 a 57 anos) são os que mais preservam a vogal átona final /o/, com um peso relativo de 0,62, seguidos pelos falantes mais jovens (15 a 35 anos), com 0,55 para a não elevação.

Os resultados de Prudentópolis aproximam-se, portanto, dos obtidos por Limeira (2013) em Curitiba. Assim como em Curitiba, a elevação de /o/ para /u/ predomina na fala dos entrevistados mais jovens de Prudentópolis; já os mais velhos, ao contrário, favorecem a preservação da vogal átona final /o/. Esses resultados podem indicar um início de mudança em progresso.

Já os resultados de Mallet aproximam-se dos obtidos por Mileski (2013) em Vista Alegre do Prata, RS. Nessas duas comunidades os falantes mais velhos favoreceram a elevação da vogal átona final /o/ para /u/; já os mais jovens, ao contrário, favoreceram a preservação da vogal átona final /o/. Os resultados da variável faixa etária mostram, portanto, que em Mallet, assim como em Vista Alegre do Prata, não há indícios de que o uso de elevação da vogal átona final /o/ caracterize mudança em progresso.

Em Mallet, também foram selecionadas como significativas as variáveis sociais etnia e sexo. Em relação à etnia, controlamos se o informante tinha descendência ucraniana, polonesa ou híbrida, por parte de pai, mãe ou cônjuge. Quando o informante apresentava descendência ucraniana e polonesa, este foi classificado como híbrido.

Os resultados da variável etnia, selecionada em 5ª posição pelo programa estatístico, são apresentados na tabela 3:

Tabela 3: Etnia

| Fatores | Aplicação/Total | Frequência | P.R. |
|------------|-----------------|------------|------|
| Híbridos | 47/1070 | 4,4 | 0,60 |
| Poloneses | 227/4876 | 4,7 | 0,56 |
| Ucranianos | 41/1490 | 2,8 | 0,26 |

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os resultados mostram que os descendentes de poloneses e os híbridos favorecem a elevação de /o/ para /u/ (0,56 e 0,61, respectivamente); já os ucranianos desfavorecem a elevação (0,26).

Observamos que os resultados para a etnia polonesa e ucraniana em nossa análise da elevação da vogal /o/ são semelhantes aos obtidos por Loregian e Costa (2015) na análise da vogal átona final /e/ nessa mesma comunidade de fala. Essas autoras verificaram que os descendentes de ucranianos favoreciam a não elevação da vogal /e/, e os descendentes de poloneses, ao contrário, favoreciam sua elevação.

Segundo Loregian e Costa (2015), a manutenção da cultura de origem poderia estar influenciando na tendência à elevação ou não de /e/. Assim, a preservação das vogais finais por parte dos descendentes de ucranianos estaria relacionada ao maior contato com sua cultura de origem (atividades culturais e religiosas, uso da língua), enquanto a elevação das vogais átonas finais, ou seja, o maior uso da forma inovadora pelos descendentes de poloneses estaria relacionado à menor manutenção da cultura de origem nesse grupo.

A variável sexo foi selecionada em 6ª posição nos dados de Mallet. A tabela 4 apresenta os resultados dessa variável.

Tabela 4: Sexo

| Fatores | Aplicação/Total | Frequência | P.R. |
|-----------|-----------------|------------|------|
| Masculino | 206/3742 | 5,5 | 0,62 |
| Feminino | 109/3694 | 3,0 | 0,38 |

Fonte: Elaborado pelas autoras

Conforme podemos observar na tabela, o sexo masculino favorece a elevação da vogal /o/ para /u/ (0,62), enquanto o sexo feminino, na mesma proporção (0,38), favorece a manutenção da vogal /o/. Esperava-se, no entanto, que as mulheres, geralmente mais sensíveis às normas de maior prestígio ou às inovações, se mostrassem mais favoráveis à elevação da vogal postônica final /o/.

Diversos estudos já demonstraram a influência do fator sexo na escolha das formas linguísticas utilizadas por homens e mulheres. Labov (2008) destaca que em situação de variação estável, as mulheres têm demonstrado preferência ao uso das formas de prestígio. No entanto, conforme esse autor, a tendência de liderança das mulheres às formas inovadoras não pode ser generalizada, visto que é preciso verificar o papel de outros fatores sociais que podem interferir nesse comportamento.

Machry da Silva (2009), em Rincão Vermelho-RS, verificou que os homens apresentaram um leve favorecimento (0,54) para a elevação, e as mulheres uma leve tendência à preservação da vogal média /o/ final (0,46). Para melhor entender o comportamento linguístico dos homens e das mulheres de sua amostra, a autora realizou um cruzamento entre as variáveis tipo de contato com os centros vizinhos e sexo. Esse cruzamento mostrou que homens e mulheres que possuem contato frequente com centros vizinhos tendem a elevar a vogal postônica final /o/. Segundo ela, tais resultados confirmam que o tipo de contato com centros urbanos exerce influência no comportamento linguístico de homens e mulheres, mostrando-se mais evidente entre as mulheres.

Nos estudos de Vieira (2009), Mileski (2013) e Limeira (2013) a variável sexo não foi

considerada significativa para a elevação ou não elevação da vogal átona final /o/.

Em nossa amostra, apesar de não termos controlado outras variáveis para melhor caracterizarmos o comportamento linguístico de homens e mulheres, podemos pensar nas atividades normalmente desempenhadas pelos dois sexos na comunidade. As mulheres de nossa amostra ocupam-se principalmente dos trabalhos de casa e da educação dos filhos e, em alguns casos, também trabalham na lavoura com os maridos. Assim, pode-se supor que as relações sociais das mulheres são mais restritas ao lar, aos familiares e próximos. Os homens trabalham na lavoura, mas também compram e vendem os produtos, negociam, ou seja, mantêm mais contato com pessoas que não fazem parte da comunidade. Além disso, pelos relatos dos informantes, os homens, mais do que as mulheres, já viajaram para centros maiores. Esses fatores provavelmente também estejam influenciando no comportamento linguístico dos informantes de Mallet, impulsionando o uso da forma inovadora, a elevação da vogal átona final /o/ para /u/, na fala dos homens.

Pode-se dizer, portanto, que a constituição da comunidade, o papel desempenhado por homens e mulheres e as relações sociais decorrentes desses papéis, embora aqui não mensurados, também podem estar interferindo no comportamento linguístico dos homens e das mulheres de nossa amostra.

Considerações finais

Os resultados obtidos em nosso estudo apontam uma probabilidade alta de não elevação da vogal átona final /o/ tanto nos dados de Prudentópolis (89,6%) quanto nos de Mallet (95,8%), que apresentou somente 4,2% de ele-

vação. Observamos ainda que esse percentual de não elevação é significativamente mais elevado que o encontrado em outras localidades da região Sul (Vieira, 2009; Macrhy da Silva, 2009, Limeira, 2013), com exceção do obtido por Mileski (2013) em Vista Alegre do Prata – RS (94,4%), comunidade rural, constituída por descendentes de poloneses e que apresentou um resultado semelhante ao nosso.

As interferências linguísticas que se mostraram relevantes na elevação de /o/ para /u/, tanto em Prudentópolis como em Mallet, foram estas cinco variáveis e respectivas variantes: (i) presença/ausência de vogal alta (presença de vogal alta); (ii) tipo de sílaba (com coda); (iii) ponto de articulação da consoante seguinte (pós alveolar, velar e labiodental); (iv) tipo de consoante/vogal precedente (nasal, oclusiva, rótico e vogal i) e (v) ponto de articulação da consoante precedente (pós-alveolar, labiodental, palatal e alveolar). Estes foram, portanto, os contextos linguísticos favorecedores da elevação analisada.

Quanto às variáveis sociais, verificamos que a etnia ucraniana, as mulheres e os falantes mais jovens da amostra (25 a 50 anos) favorecem a não elevação da vogal /o/, enquanto os descendentes de poloneses e os híbridos, os homens e a faixa etária acima de 50 anos favorecem a elevação da vogal /o/ para /u/ em Mallet.

Concluimos que a maior preservação da vogal átona na fala das mulheres pode estar relacionada ao papel desempenhado por elas na comunidade e às relações sociais decorrentes desses papéis, pois, conforme observamos, nas comunidades em estudo, as relações sociais do sexo feminino são mais restritas aos familiares e a pessoas próximas.

A variável faixa etária foi a única selecionada nas duas localidades analisadas. Os resultados apontam para a preservação da vogal átona final /o/ na faixa etária de 25 a 50 anos em Mallet, mas em Prudentópolis os falantes dessa mesma faixa etária elevaram mais a vogal analisada. Tais resultados nos instigam a efetuar novas análises, com recortes diferenciados na gradação etária,

bem como a realização de cruzamentos entre as variáveis sociais, etapa esta que fará parte do refinamento posterior da análise.

Referências

- BISOL, L. Neutralização das átonas. In: Revista Letras, Curitiba: Editora UFPR, n. 61, p. 273-283, 2003. Edição especial.
- BISOL, L. A Simetria no Sistema Vocálico do Português Brasileiro. In: Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto. vol. 5, p. 41-52, 2010.
- BURKO, V. A imigração Ucraniana no Brasil. 2ª Ed. Curitiba. 1963.
- CÂMARA JR., J. M. Estrutura da Língua Portuguesa. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HANEIKO, V. Uma centelha de Luz. Curitiba: Clero Diocesano Ucraniano no Brasil. Editora Kindra, 1985.
- HAURESKO, J. B. Estudo sócio-linguístico da comunidade ucraniana de Linha Esperança – Prudentópolis – Paraná. Guarapuava-PR: UNICENTRO, 1999. (Monografia de Especialização).
- LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. Trad.: BAGNO, M.; SCHERRE, M.; CARDOSO, C. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LIMA-HERNANDES, M. C. Sociolinguística e línguas de herança. In: MOLLICA, M.C.; FERRAREZI JÚNIOR, C. (Orgs.). Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016. p. 97-110.
- LIMEIRA, L. O não alçamento das vogais médias na fala de Curitiba sob a perspectiva da sociolinguística quantitativa. 2013. 88 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- LOREGIAN-PENKAL, L. et al. Banco de dados de fala eslava: discussões metodológicas. In: CAMPIGOTO, J. e CHICOSKI, R. (Orgs.). Brasil-Ucrânia: linguagem, cultura e identidade.

- de. São Paulo: Paco Editorial, 2013. p. 58-73
- LOREGIAN-PENKAL, L.; COSTA, L. T. O fenômeno de não elevação da vogal /e/ na fala de descendentes de eslavos de Mallet, Paraná, Brasil. In: Revista de Letras Norte@mentos, v. 9, n. 20, p. 85-99, 2016.
- MACHRY DA SILVA, S. Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MILESKI, I. A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- OGLIARI, M. A manutenção do ensino da língua ucraniana em comunidade bilíngüe português/ucraniano. In: LEFFA, V. J. (Org.). O professor de línguas: construindo a profissão. Pelotas: EDUCAT, 2001.
- VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L. e BRESCANCINI, C. (org.). Fonologia e variação: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.127-159.
- _____. As vogais médias átonas nas três capitais do sul do país. In: BISOL, L., COLLISCHONN, G. (org.). Português do Sul do Brasil – Variação fonológica. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2009. p.50-72.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- Submissão: Agosto de 2022.**
Aceite: setembro de 2022.